

ENCLAUSURAMENTO DAS PRODUÇÕES DO CAMPO ACADÊMICO: *HABITUS* E DESAFIOS NA PERSPECTIVA DA SOCIALIZAÇÃO.

Anderson Luis da Paixão Café¹

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre o atual estágio da comunicação científica nas universidades brasileiras e quais poderão ser os mecanismos criados para estimular a divulgação das produções acadêmicas. Através de uma revisão de literatura, estuda a estrutura do campo científico e universitário respaldando-se nas construções teóricas de campo científico desenvolvidas por Pierre Bourdieu. Construído este grande cenário discute o papel dos canais de divulgação formais, informais e eletrônicos enquanto elementos potencializadores para a maior socialização das produções acadêmicas. No decorrer das argumentações, aponta os possíveis obstáculos que corroboram para o enclausuramento destas produções indicando os caminhos que poderão ser adotados rumo a uma maior socialização. Conclui destacando a necessidade de adoção de medidas urgentes capazes de socializar as produções acadêmicas para uma sociedade ávida por informação e conhecimento e marcada fortemente pelo estigma da desigualdade social e econômica fruto do desenvolvimento descabido do sistema de acumulação capitalista.

Palavras-Chave: Socialização. Produção acadêmica. Universidade. Comunicação científica. Canais de divulgação científica.

¹ Fundação Visconde de Cairu. Rua do Salete, n. 50 – Barris, Salvador, Brasil.
E-mail: andersoncafe@cairu.br

1 INTRODUÇÃO

De acordo com o disposto na Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996, em seu artigo 43, inciso 4, a educação superior tem como finalidade promover a divulgação de conhecimentos culturais, científicos e técnicos que constituem patrimônio da humanidade e comunicar o saber através do ensino, de publicações ou de outras formas de comunicação.

Neste contexto, Menezes (2000) afirma que o papel da universidade é promover o desenvolvimento econômico, social, político e cultural das comunidades ou regiões na qual estejam inseridas representando a consciência crítica da sociedade e refletindo a sua dinâmica estando, muitas vezes, a favor, ou mesmo, contra as idéias que permeiam os grandes centros urbanos e rurais.

Para exercer esse papel reflexivo, a universidade precisa adotar um modelo de investigação capaz de ultrapassar os seus muros e mostrar para a comunidade àquilo que ela tem de melhor e isso poderá ser possível pelo caminho da socialização das suas produções acadêmicas enquanto prática educativa capaz de aproximar a universidade das problemáticas sociais que estão bem próximas do seu raio de atuação.

O objetivo deste artigo consiste na necessidade de reflexões sobre o enclausuramento das produções acadêmicas, a partir da noção do *habitus* dos agentes do campo científico, procurando analisar as características gerais e específicas dos canais de divulgação formais, informais e eletrônicos emergentes no surgimento das novas tecnologias da informação e comunicação, para identificar os entraves e encaminhamentos necessários para a socialização das produções acadêmicas no campo universitário.

2 CAMPO CIENTÍFICO E UNIVERSITÁRIO: LÓGICA E LEIS DE FUNCIONAMENTO

Neste momento histórico (século XXI), a universidade, de acordo com Santos (2005), passa por uma verdadeira crise de legitimidade ocasionada, dentre outros fatores, pelas contradições existentes entre a manutenção de um conhecimento hierarquizado e de restrito acesso por um lado, e a luta pela igualdade de oportunidades requeridas pelos filhos das classes populares, por outro lado. Esta crise, na perspectiva do autor, põe em xeque o modelo até então concebido de universidade pensada para atender a uma pequena elite da nossa sociedade.

Esta crise, na concepção de Santos (2005), vem acompanhada por uma outra: a de hegemonia, na medida em que os confrontos entre as atividades e/ou funções tradicionais das universidades e aquelas requeridas ao longo do século levaram o Estado e os demais agentes econômicos a buscarem alternativas quanto à oferta de ensino superior e pesquisa por parte de outras instituições. Isto leva a crer que a universidade não é mais a única instituição capaz de produzir conhecimentos.

A terceira crise diz respeito à crise institucional oriunda das contradições entre os objetivos de autonomia requeridos pela universidade e a pressão crescente dos organismos internacionais pela submissão total das universidades à lógica do novo *modus operandi* do sistema de acumulação capitalista.

O conjunto destas três crises aliado ao conceito de campo científico desenvolvido por Bourdieu (1983) pode servir como ponto de partida para reflexões em torno do afastamento da universidade em relação às problemáticas que estão bem próximas do seu raio de atuação. Nesta perspectiva, Oliveira (2006, p.3) traz a discussão sobre o conceito de campo enquanto espaço temático onde se estabelecem relação de força mais ou menos desigual, na qual os agentes estão em permanente luta pela manutenção e/ou avanço das posições adquiridas anteriormente.

Na concepção de Bourdieu (1983), o campo científico é entendido como o espaço de um jogo concorrencial pela busca do monopólio da autoridade científica sendo esta, o resultado da soma da capacidade técnica e do poder social.

O campo científico é sempre o lugar de uma luta, mais ou menos desigual, entre agentes desigualmente dotados de capital específico e, portanto, desigualmente capazes de se apropriarem do produto do trabalho científico que o conjunto dos concorrentes produz pela sua colaboração objetiva ao colocarem em ação o conjunto dos meios de produção científicos disponíveis. (BOURDIEU, 1983, p.136).

Observa-se dessa forma que o campo científico se estrutura a partir das relações objetivas entre os diferentes agentes que são as próprias fontes do campo não havendo, portanto, razão de existência do campo científico sem os agentes científicos que os compõem. Esta estrutura é determinada pela distribuição de capital científico. Neste espaço, os agentes estão em constantes lutas concorrências com o objetivo de manter suas posições adquiridas em lutas anteriores garantidas pelo monopólio da autoridade científica.

A autoridade científica é compreendida como capacidade de falar e agir legitimamente, posição esta que é outorgada socialmente a um agente determinado. Esta autoridade está relacionada, diretamente, ao conhecimento da posição que este agente ocupa nas hierarquias instituídas.

Todas as práticas dentro deste campo estão orientadas para aquisição de autoridade científica, ou seja, prestígios, reconhecimentos, celebridades, etc, o que acaba determinando as escolhas quanto às disciplinas, métodos de pesquisas e instrumentos de pesquisas que lhes dêem maior visibilidade e possam contribuir para a obtenção do reconhecimento entre os pares concorrentes.

Em relação a esta necessidade de reconhecimento extrínseca dos pesquisadores quanto aos seus objetos de pesquisa, é preciso registrar que muitos estudiosos ficam furiosos quando descobrem uma publicação com os resultados a que eles estavam quase chegando. Com isto, percebe-se uma tendência dos pesquisadores a se concentrarem em questões que possam trazer um lucro simbólico mais importante.

O lucro simbólico faz parte daquilo que Bourdieu (1983) denomina de acumulação do capital científico, isto é, uma espécie particular de capital simbólico que significa um reconhecimento concedido pelos pares, no seio do campo.

3 ENTRAVES E CAMINHOS PARA A SOCIALIZAÇÃO DAS PRODUÇÕES ACADÊMICAS.

É no celeiro destas discussões sobre os conceitos bourdieunianos e, especificamente, sobre o conceito de campo científico que deverá ser melhor entendido o comportamento dos agentes do campo universitário quanto às suas práticas de enclausuramento das produções acadêmicas, na medida em que estas práticas ocasionam um maior afastamento da universidade em relação às problemáticas que estão ao seu redor.

Este artigo vem para contribuir com as discussões quanto aos entraves que, historicamente, vem comprometendo as práticas de socialização das produções acadêmicas e que, por sua vez, vem aguçando a crise de legitimidade pela qual a universidade está imersa.

Um dos grandes entraves rumo a socialização das produções acadêmicas está relacionada ao elitismo da linguagem utilizada pelos agentes do campo universitário, o que dificulta o entendimento e acesso às produções por parte daqueles que não pertencem ao campo científico e universitário, pois de acordo com Meis (1996, p.33 apud GEORGEN, 1998, p.5), a ciência, nesta perspectiva, já cobra a formação de verdadeiros especialistas capazes de decodificarem os códigos lingüísticos que circulam no campo científico. Assim sendo, é preciso pensar nos inúmeros professores, educadores, profissionais liberais, técnicos do governo e cidadãos que ficam impossibilitados de ter acesso às produções acadêmicas e, quando se deparam com estas, sentem dificuldades na interpretação das informações por não possuírem o código lingüístico próprio do campo.

Outro ponto de estrangulamento que obstaculariza a socialização das produções acadêmicas está relacionada ao primado da pesquisa sobre o ensino e a extensão, conforme Kourganoff (1990).

O enraizamento destas práticas no seio da academia está dificultando o relacionamento da universidade com a sociedade, uma vez que a socialização do conhecimento, que se traduz de forma muito clara através do ensino e da extensão,

está comprometida pela sobrevalorização da pesquisa. Os docentes, que deveriam participar ativamente da extensão e do ensino, preferem permanecer fechados em seus laboratórios de pesquisa para angariar mais recursos financeiros, prestígio social, progressão funcional e uma série de vantagens que a pesquisa lhe proporciona. A universidade, por outro lado, concede, cada vez mais, redução de carga horária de ensino a estes professores estimulando práticas de separação, cada vez mais nítida, entre o ensino de graduação e pós-graduação.

Nesta situação, mais grave ainda é se pensar na extensão universitária enquanto conjunto de práticas articuladas entre o ensino e a pesquisa para dialogar com a sociedade. Como contribuir com a sociedade ouvindo os seus diferentes agentes a partir do momento em que a universidade vive um apartheid entre ensino e pesquisa? Neste contexto, é preciso perguntar como a universidade se aproximará da sociedade trocando experiências e conhecimentos, concretizando aquilo que Santos (2005) chama de ecologia dos saberes, ou seja, uma extensão ao inverso, partindo do princípio de que é preciso colher experiências da sociedade e levá-las para dentro da universidade?

Além dos entraves que historicamente foram construídos e que corroboram para o isolamento do campo científico diante dos demais campos sociais, é preciso se pensar no elitismo e na falta de maior compreensão quanto às potencialidades dos canais de comunicação enquanto meios apropriados para concretizar a socialização das produções acadêmicas, uma vez que estes canais funcionam para legitimar as atividades de pesquisa dos agentes localizados no próprio campo científico não sendo, ainda pensados, para atender às necessidades informacionais dos agentes que estão fora do campo científico e universitário.

Nesta perspectiva, faz-se necessário compreender melhor a lógica de funcionamento da comunicação científica edificada para atender apenas aos interesses de uma pequena elite intelectual da sociedade.

O ato de comunicar-se constitui uma ação humana de por em comum, de partilhar com o outro idéias, percepções e pensamentos. Bounoux (1994) lembra que a comunicação pode ser entendida como uma ação de por em comum, onde se estabelece uma conexão de sujeito a sujeito constituindo-se numa práxis da relação dos homens entre si.

No que diz respeito ao conhecimento científico, a comunicação surge quando se pensa que o principal objetivo de um cientista é obter a validação de suas idéias através do reconhecimento de sua competência. Mueller (2000), chama a atenção que estes pesquisadores precisam ampliar a exposição dos resultados de suas pesquisas ao julgamento da comunidade científica que legitimará os resultados apresentados.

O sistema de comunicação envolve diferentes atividades de comunicação entre os diversos pesquisadores. Esse sistema possui três tipos de canais: os formais, informais e eletrônicos. Os canais formais correspondem às diversas fontes informacionais caracterizadas pela maior divulgação entre os agentes do campo científico, tais como, livros, periódicos, artigos científicos, obras de referência e materiais audiovisuais. Já os canais de comunicação informais são caracterizados por conversas entre os pesquisadores, sejam por telefone, correio eletrônico, cartas ou mesmo pessoalmente nos corredores das instituições na qual estão vinculados.

Nesta perspectiva de análise sobre os canais de comunicação formais e informais, é preciso destacar o surgimento e desenvolvimento das novas tecnologias da informação e comunicação, tais como a internet que tem modificado, substancialmente, o processo de comunicação criando uma nova categoria de análise na comunicação científica: a comunicação eletrônica. A comunicação eletrônica vem sendo estudada por diversos autores, a exemplo de McMurdo, 1995 (apud OLIVEIRA, 2006, p.5) que busca estabelecer as vantagens e desvantagens desse meio de comunicação. Com a introdução de novas tecnologias da informação e comunicação, tais como internet, intranets, arquivos abertos, comunidades virtuais, etc., abrem-se novas perspectivas rumo a democratização do conhecimento produzido nas estruturas acadêmicas.

Levando em consideração as reflexões até aqui realizadas, este estudo pretende servir como ponto de partida para a realização de reflexões consistentes sobre as práticas de não socialização das produções acadêmicas nas universidades brasileiras reunindo os estudos até então realizados em sua especificidade, com o intuito de compreender esta prática como uma atividade global, o que estará apoiado nos conceitos de Bourdieu (1983) de campo científico e habitus, enquanto possibilidades explicativas para a problemática ora proposta, além de apontar os possíveis caminhos que contribuirão rumo a uma maior disseminação das produções acadêmicas.

4 CONCLUSÃO

Após estudar a lógica e as leis de funcionamento do campo científico baseada nas belíssimas construções teóricas de Pierre Bourdieu, pode-se compreender melhor as ações dos agentes do campo universitário que levam ao emperramento da divulgação científica, uma vez que há uma luta concorrencial entre os agentes do campo para a busca da autoridade científica baseada na legitimação entre os pares da academia, não existindo, portanto, uma preocupação no julgamento dos agentes sociais que estão fora do campo universitário.

Esta luta entre si para garantir o monopólio da autoridade científica, leva-os ao isolamento diante da complexidade dos outros campos sociais. A linguagem, por exemplo, utilizadas pelos agentes do campo universitário, é um forte elemento de isolamento na medida em que falam para uma comunidade específica que detém os códigos lingüísticos capazes de decodificarem as mensagens.

Este isolamento garantido pelo predomínio da linguagem científica sobre as demais formas de comunicação, aliada aos demais instrumentos de socialização que não funcionam na universidade, a exemplo da tímida ação das editoras universitárias e a carência de concursos que estimulem a produção e a divulgação de trabalhos acadêmicos que possam contribuir para a reflexão das grandes problemáticas existentes na comunidade e no mundo, faz explodir uma série de questionamentos sobre os possíveis caminhos que poderão ser adotadas objetivando a democratização da informação.

Com o intuito de mostrar os meios técnicos e operacionais existentes para aperfeiçoar o sistema de disseminação dos trabalhos acadêmicos, aborda-se sobre as características gerais e específicas dos canais de divulgação formais, informais e eletrônicos capazes de socializar o conhecimento produzido no interior da academia em escala global.

Neste contexto observa-se a característica de cada fonte de informação formal, tais como livros e periódicos abordando os fatores relativos aos limites e possibilidade da utilização destas fontes. No que diz respeito aos livros aponta-se a problemática da escassez de bibliotecas inclusive utilizando dados fornecidos pela Câmara Nacional dos

Livros e as reflexões de Jamil Cury, além das questões relacionadas aos altos custos para aquisição de um livro no Brasil. Em relação aos periódicos, constata-se uma limitação de acesso a estas fontes que estão, quase sempre, disponíveis, apenas, em bibliotecas especializadas.

Quanto aos canais informais de comunicação, questiona-se sobre o papel dos colégios invisíveis enquanto canal propício para o isolamento do conhecimento científico diante dos demais agentes sociais não pertencentes ao campo universitário, uma vez que no próprio campo, este canal serve aos interesses de pequenos grupos de pesquisadores que se relacionam pelas semelhanças das temáticas estudadas.

No que diz respeito aos canais eletrônicos foi estudada-se os conceitos de internet, comunidades virtuais, tais como o Orkut e a Wikipedia, os correios eletrônicos, os periódicos eletrônicos, como o Scielo e o papel dos arquivos abertos enquanto canais dotados de amplas capacidades para disponibilizar as produções acadêmicas em diferentes tempos e espaços.

Esta discussão fez crer que o *habitus*, característico dos agentes do campo universitário, é o maior responsável pela não socialização das produções acadêmicas, uma vez que, nas palavras do professor Milton Santos, o fator técnico já está resolvido, ou seja, o enclausuramento é uma questão meramente política.

Partindo da concepção de que a não socialização das produções acadêmicas é uma questão política e não técnica, levanta-se os possíveis entraves que contribuem para o enclausuramento das produções, tais como: o predomínio da linguagem científica sobre as demais formas de comunicação, o que faz crer que este é o principal instrumento utilizado pelos agentes do campo universitário para garantir o seu isolamento diante das problemáticas existentes nos demais campos sociais; o primado da pesquisa sobre o ensino e a extensão na medida em que as práticas de socialização do conhecimento não são valorizadas no campo universitário; o enfraquecimento da extensão universitária enquanto práticas de articulação entre o ensino e a pesquisa planejados para atuar nas problemáticas vivenciadas pelas comunidades locais; a fraca atuação das editoras universitárias que se prestam a gráficas para impressão de trabalhos burocráticos da universidade não cumprindo a sua missão institucional; a carência de concursos que estimulem a produção e divulgação de trabalhos

acadêmicos versando sobre as problemáticas das comunidades locais; a escassez na organização de coletâneas para divulgação das produções acadêmicas dos alunos de graduação e pós-graduação e a desarticulação entre coordenação de cursos e bibliotecas universitárias quanto às práticas de disponibilização e tratamento técnico dos trabalhos de conclusão de cursos.

Estas medidas representam o ponto de partida para mudar, significativamente, a forma pela qual a universidade se relaciona com a sociedade objetivando entender melhor a dinâmica social que acontece fora dos seus muros. Apostar no fortalecimento das editoras universitárias enquanto casas publicadoras capazes de subsidiarem a devolução do conhecimento produzido na universidade para a sociedade seria outro grande passo em busca da democratização da universidade. Criar, expandir e fortalecer os concursos de premiação das produções acadêmicas é um caminho que a universidade poderá adotar para primar pela qualidade das construções teóricas que versem sobre as grandes problemáticas que estão ao seu redor.

Enfim, é preciso que a universidade possa adotar medidas urgentes no intuito de buscar democratizar o conhecimento produzido no seu interior contribuindo para entender às várias culturas que estão bem próximas do seu raio de atuação.

REFERÊNCIAS

BOUGNOUX, Daniel. **Introdução às ciências da informação e da comunicação**. Tradução por Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes, 1994.

BOURDIEU, Pierre. **Pierre Bourdieu: sociologia**. Tradução de Paula Montero e Alicia Auzmendi. São Paulo: Atica, 1983. (Coleção grandes cientistas sociais; 39).

GOERGEN, Pedro. Ciência, sociedade e universidade. **Educação & Sociedade**, Campinas, v.19, n.63, p. 1 – 18, ago. 1998. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 20 fev. 2006.

GOMES, Henriette Ferreira. Considerações sobre a construção e a comunicação do conhecimento científico. In: SOARES, Geraldo Ramos; GOMES, Henriette Ferreira. (orgs.). **Apreendendo o social: mulheres, saúde, trabalho, futebol, sensualidade, etc.** Salvador: UFBA, 1999.

KOURGANOFF, Wladimir. **A face oculta da universidade**. Tradução Claudia Schilling, Fátima Murad S.P. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1990.

MENEZES, Luís Carlos de. **Universidade sitiada: a ameaça de liquidação da universidade brasileira**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. A ciência, o sistema de comunicação científica e a literatura científica. In: CAMPELLO, Bernadete Santos; CENDON, Beatriz Valadares; KREMER, Jeannette Marguerite. (Org). **Fontes de informação para pesquisadores e profissionais**. Belo Horizonte: UFMG, 2000. p. 21 – 34.

OLIVEIRA, Carla Mary S. **O que é a ciência e o fazer ciência para Bourdieu**. Disponível em: <<http://www.cchla.ufpb.br/paraiwa/01-oliveira-1.htm>>. Acesso em: 25 mar. 2006.

OLIVEIRA, Erica Beatriz Pinto Moreschi de; NORONHA, Daisy Pires. **A comunicação científica e o meio digital**. Disponível em: <<http://www.informacaoesociedade.ufpb.br>>. Acesso em: 10 maio 2006.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2005. (Coleção questões da nossa época; v.120).

TAKAHASHI, Tadao. (org.). **Sociedade da informação no Brasil: livro verde**. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia, 2000.

VALOIS, Eliana Candeira et. al. Comunicação Científica e usuários: elementos de discussão. **Ciências da Informação**, Brasília, v.18, n.1, p.28 – 34, jan./jun.1989.